

J. FERNANDES MASCARENHAS

Dois documentos arqueológicos

**recentemente achados,
sobre os judeus no Algarve**

Pelo Dr. J. Fernandes Mascarenhas

**F A R O
1 9 8 0**

**Dois documentos
arqueológicos**

**recentemente achados
sobre os judeus no Algarve**

Por Dr. J. Francisco Rosário

Separata dos N.ºs 3.053 a 3.058

do «Correio do Sul»

F A R O

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR:

No Rumo da Educação.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve no Desenvolvimento Agro-Pecuário da Província (Comunicação às I Jornadas das Cooperativas de Crédito do Algarve).

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa).

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra.

(Comunicações apresentadas ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos» .

A Herdade da Coroada e o Tratado das Terçarias de Moura.

A Conquista da Vitória (Manual organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica).

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho.

O Cerro de S. Miguel.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho.

Cinco séculos na vida de uma freguesia. (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho).

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo.

Páginas Gonçalves — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem.

**POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA
E ARQUEOLOGIA**

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa.

I — DESCOBERTA DE UMA PEDRA COM INSCRIÇÕES HEBRAICAS EM TAVIRA E SUA LOCALIZAÇÃO

Em Tavira, no sítio de Pero Gil, no local conhecido pelo «Adro do Judeu», foi descoberta há cerca de um ano, uma pequena ardósia cinzenta escura, com um disco gravado, de 0,091 m de diâmetro, tendo ao centro um quadrado de 0,023 m de lado, dividido em nove pequenos quadrados, contendo cada um deles uma letra.

A pedra, de forma trapezoidal, tem um buraco numa das extremidades e uma ranhura em sentido oposto (Fig. 1).

As suas dimensões são as seguintes:

Altura do lado esquerdo	0,128 m
Altura do lado direito	0,105 m
Largura	0,128 m

Os caracteres são hebraicos, conforme logo nos pareceu e depois confirmámos, até porque esses caracteres não têm idêntica configuração em todas as épocas, o que aliás se passa com a epigrafia portuguesa ou a respeitante a outros países.



Fig. 1

Ora adro, como dizem os dicionários, é uma «área, aberta ou cercada, em frente das igrejas, ou em volta delas». Quer dizer, quanto a nós, aí teria talvez existido um templo, no caso presente uma Sinagoga, da qual teria ficado esse topónimo. E a poucos quilómetros do «Adro do Judeu», existe também o sítio da Sinagoga ou Sinagoga (¹), na freguesia de Santo Estêvão, do concelho de Tavira, a atestar a passagem dos filhos de Israel por essas paragens ocidentais da Europa.

A ardósia foi descoberta quando da abertura dos alicerces para uma casa que se estava a construir. Encontrou-se a cerca de um metro de profundidade.

Tanto a propriedade como a casa são do nosso prezado amigo, Dr. Rui Aboim de Faria Pereira, de Tavira, que, amavelmente, nos forneceu alguns elementos sobre o achado, assim como a fotografia que ilustra este estudo, pelo que lhe ficamos muito gratos. Além disso emprestou-nos a referida pedra para uma observação directa.

Deve dizer-se que, em frente do local onde foi achada a pedra e a não muita distância, do outro lado da estrada que vem de Vila Real de Santo António para Faro, existe uma casa com um portal gótico, completamente caído, o qual indica bem a antiguidade do edifício.

Deve tratar-se de um prédio dos séculos XV ou XVI. E esse troço da estrada nacional não é muito antigo, o qual cortou uma propriedade que talvez noutros tempos tivesse pertencido ao mesmo dono.

Haverá, porventura, alguma ligação dessa casa com quem habitava no «Adro do Judeu»? Não o sabemos.

Relacionando o achado com o topónimo, este, de certo modo, explica a sua proveniência.

Por outro lado, o próprio topónimo Pero Gil, pode referir-se também a algum judeu célebre que teria vivido em Tavira. Para mais nessa cidade, como aliás em todo o Algarve, habitaram muitos judeus desde recuados séculos (2), onde mantiveram sinagogas e cemitérios.

Em Faro, por exemplo, foi encontrada próximo do Espaldão, uma inscrição funerária respeitante a um Joseph Dotomb, «uma das mais antigas inscrições hebraicas achadas na Península», como afirma o ilustre académico e escritor e nosso muito prezado amigo, Dr. Mário Lyster Franco, no seu erudito e recente estudo «Breve notícia da presença dos Judeus no Algarve» (3), que esteve fixada em um dos muros do ainda existente cemitério judaico de Faro, construído à volta de 1820 (4), até à sua transferência abusiva para Tomar.

As tradições judaicas na Península Ibérica são grandes e antiquíssimas, pois é tradição mantida pelos rabinos espanhóis que existiam judeus em Espanha, vários séculos antes da tomada de Jerusalém pelos romanos (5) e, como se sabe, os próprios reis portugueses tiveram como exce-

lentes colaboradores muitos sábios e banqueiros judeus. «Nos reinados de D. Dinis e D. Fernando foram hebreus os tesoureiros-mores do rei, verdadeiros ministros das finanças» (6).

Foram de relevo os serviços prestados a D. Afonso IV pelas comunidades hebraicas do Algarve na altura da expedição de 1341 às ilhas Canárias (7). E na época dos Descobrimentos «mais uma vez assinalámos, diz-nos Jaime Cortesão, o grande número de físicos judeus ou estrangeiros, que estiveram em contacto íntimo com o Infante, ou, mais directamente, ao seu serviço.

Quanto aos físicos, judeus ou não, sabido que a Medicina e a Astrologia coincidiam, por via de regra no mesmo indivíduo, é de supor, que mais como astrólogos, isto é astrónomos, que como médicos assistissem o Navegador» (8).

São factos sabidos mas que nunca é demais relembrar, os quais estão em manifesto antagonismo com a forma como os judeus foram posteriormente tratados por D. Manuel I, que os expulsou em 1496 e, posteriormente, os cristãos-novos, pelo tenebroso tribunal da Inquisição, criado em Portugal no reinado de D. João III.

II — SUAS LIGAÇÕES COM A CABALA E A MAGIA

No desejo de identificarmos completamente a pedra, começámos por estudar o quadrado central, chegando à conclusão tratar-se do chamado quadrado mágico, isto é, «um quadrado de n^2 números inteiros (elementos), dispostos como os elementos de uma matriz quadrada, e tais que a soma dos n elementos de cada linha é igual à soma dos n elementos de cada coluna e igual à soma dos n elementos de cada diagonal, que se chama soma mágica» (9).

Claro que nos pequenos quadrados em que se decompõe o quadrado central estão letras que, em hebraico, têm

também o significado de números, pois «cada letra hebraica tem três funções: exprime um hieróglifo, um número e uma ideia. Nisto se baseia a Cabala» (10) e nos números houve sempre uma certa magia que também se verificava nos filósofos pitagóricos da velha Helade, os quais pretendiam explicar o «Cosmos» e tudo por meio dos números.

Quanto aos caracteres hebraicos escritos na referida pedra, os dos pequenos quadrados já vimos que simbolizavam números e os restantes vamos ver o seu significado.

De qualquer forma, trata-se de uma inscrição cabalística, conforme nos afirmou o Rev. Rabi Abraão Assor, da Sinagoga Shaaré Sikva de Lisboa, a quem nos dirigimos por indicação do Sr. Chua Levy, cunhado do nosso querido e saudoso amigo, Dr. Semtob Dreiblatt Sequerra.

A nossa ida à bela Sinagoga da Rua Alexandre Herculano de Lisboa, obra do Arquitecto Ventura Terra (11), até nos proporcionou tomar conhecimento da existência dos ritos da religião hebraica alemão e português.

O rito português está espalhado por todo o mundo, segundo nos informaram, sinal evidente da existência de muitas comunidades hebraicas constituídas por descendentes dos judeus que viveram há séculos em Portugal.

A pedra estudada é, afinal, um negativo, ou melhor, um molde pelo qual se faziam certamente placas idênticas, talvez de gesso ou argila.

Pela fotografia que nos tinha sido oferecida pelo Dr. Rui Aboim de Faria Pereira, foi-nos possível obter uma prova positiva, o que veio facilitar imenso a sua leitura por parte do ilustre Rabi, que tão amavelmente nos atendeu.

Os dizeres da pedra, que é uma espécie de talisman, são apenas os seguintes: Amêni, isto é, «Deus, responde-me!», frase que está repetida várias vezes em redor do quadrado mágico.

Os números que, no quadrado, (Fig. 2), estão representados por letras hebraicas, somados de qualquer forma totalizam sempre 15.

8	1	6
3	5	7
4	9	2

Fig. 2

Quanto à antiguidade da pedra, deve ter pelo menos 500 anos, segundo nos foi afirmado na altura em que se procedeu à leitura das inscrições. E quanto ao Judeu, do «Adro», devia tratar-se de um cabalista.

III — BREVES NOÇÕES SOBRE A CABALA

Sem pretendermos embrenharmo-nos no movimento cabalístico, até porque nos faltam conhecimentos para tal, achamos no entanto oportuno dizer algo sobre o que é essa ciência misteriosa que se chama a Cabala.

Sobre a Cabala existem diversas definições. Umas de natureza espiritual e mística e outras relacionadas com a intriga e maledicência humanas. As segundas não nos interessam, até porque são deturpações do verdadeiro sentido da Cabala.

«A Cabala é a ciência de Deus e da Alma em todas as suas correspondências. Ela ensina e prova que tudo está em UM, e que UM está em TUDO, por meio da analogia, sobe de imagem do princípio à forma» (12).

«É a interpretação hebraica e mística e alegórica, do Velho Testamento. Arte imaginária de comunicar com os espíritos fantasmas» (13).

Desde o século X da nossa era, que a cabala passou a ser considerada «como uma ciência secreta e misteriosa dos judeus, um sistema de Teologia destinado a interpretar o universo pela criação de um ser único e absoluto» (14).

Há várias divisões da Cabala, tais como especulativa e prática.

Da Cabala são ainda os Pantaculos, de pergaminho, metal e de pedra colocados ao pescoço como talismã para a felicidade. O Pantaculo Universal contém o quadrado e deverá ser colocado na parede (¹⁵). Parece ser o caso da pedra descoberta, pois, quer pelo seu peso, quer pelo tamanho, não devia ser para pendurar ao pescoço.

Os antecedentes da Cabala encontram-se já na tradição oral a mais antiga, quer dizer, no Talmud e o Midrash. E os princípios do movimento cabalístico medieval situam-se na Provença, em Arles, Marselha, Lunel, Béziers, Toulouse, Gerona, Barcelona, Toledo e Burgos (¹⁶).

IV — UM ESPELHO DE FECHADURA COM CARACTERES HEBRAICOS DESCOBERTO NO MESMO LOCAL DA PEDRA

No mesmo local onde estiveram a construir o referido edifício, apareceu, posteriormente, um espelho de fechadura em bronze, quebrado na extremidade do lado direito, e uma espécie de puxador que esteve ligado ao mesmo espelho, talvez para abrir qualquer móvel da casa na qual ambos estiveram fixados.

O espelho representa uma mão aberta, ladeada por duas flores que, embora incompletas, lembram flores-de-lis, e sobre o buraco onde se metia a chave, por sinal de forma curiosa, tem uma pequena inscrição hebraica, que se lê Chádai (Fig. 3), Deus Omnipotente, na tradução do Rev. Rabi Abraão Assor.

O espelho da fechadura tem as dimensões seguintes:

Altura	0,090 m
Largura	0,080 m

Por tudo isto deve tratar-se de peça da residência de pessoa religiosa, por que não dum rabi?, pois a comunidade judaica de Tavira era grande e devia ter tido certa importância, a avaliar pelo comércio de exportação que praticava do vinho do Algarve (¹⁷).

Quanto à sua antiguidade, deve ser contemporânea da pedra anteriormente estudada.

O conhecimento desse espelho de fechadura ficámos também a devê-lo ao Dr. Rui Aboim de Faria Pereira que, logo que o mesmo foi achado, se prontificou a enviar-nos, pelo que lhe estamos muito reconhecidos.

De qualquer forma, a pedra do «Adro do Judeu», assim como o espelho da fechadura, são mais uns subsí-



Fig. 3

dios e cremos que pouco vulgares, a acrescentar a outros sobre a passagem do povo israelita pelo Algarve, onde era bem acolhido e admirado, pela sua grande dedicação ao trabalho, inteligência e saber.

- (1) X Recenseamento Geral da População (Dezembro de 1960), Tomo I, Vol. 2.º, pág. 252.
- (2) J. Leite de Vasconcellos — Etnografia Portuguesa, Lisboa, 1958, Vol. IV, Págs. 63 a 253.
- (3) Ob. cit., Faro, 1978, pág. 10.
- Cardozo de Bethencourt — Inscriptions hébraïques du Portugal — Notes d'histoire et d'épigraphie, in «O Archeologo Português», Vol. VIII, 1903, págs. 33 a 45.
- (4) Breve notícia da presença dos judeus no Algarve, aut. cit., pág. 10.
- (5) Amílcar Paulo — A Dispersão dos Sephardim judeus hispano portugueses, Porto, 1978, pág. 35.
- (6) António José Saraiva — A Inquisição Portuguesa, Lisboa, 1956, pág. 15.
- (7) Os Judeus do Algarve (notas sobre a conferência do Dr. Alberto Iria, proferida no Centro Israelita de Lisboa), in «Correio do Sul», N.º 2 133, de 25-12-1968.
- (8) Jaime Cortesão — Os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, s/d, Vol. I, pág. 386.
- (9) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XXXIII, págs. 763 e 764.
- (10) F. V. Lorens — Cabala — A Tradição Esotérica do Ocidente, S. Paulo (Brasil), M CMLXXVI, pág. 73.
- (11) No edifício da Sinagoga está fixada a seguinte inscrição:
«Esta Pedra Fundamental da Synagoga Portugueza/Shaaré Tikva/
/ Foi collocada em 18 de Yiar de 5 662/25 de Maio de 1902/ Por Abraham
E. Levy/Sendo Presidente do Comité,/ Leão Amzalak/Presidente da Secção
de Edificação A. Anhhory/E Thesoureiro da Colonia, Salomon de M.
Sequeira/Architecto Ventura Terra.
- (12) F. V. Lorens, ob. cit., pág. 57.
- (13) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 5, pág. 241.
- (14) Idem, idem.
- (15) Kersaint — Os 13 Pantaculos da Felicidade, Lisboa, 1977, pg. 83.
- (16) Grande Encyclopedie Larousse, 1972, Vol. 4, pág. 2129.
- (17) Joaquim Veríssimo Serrão — História de Portugal, Editorial Verbo, Vol. II, 2.ª edição, pág. 260, com base em Alberto Iria, «O Infante D. Henrique e os judeus de Lagos» (Subsídios para a sua História)», in Anais da Academia Portuguesa da História, II série, Vol. 23, t. II, Lisboa, 1976, pp. 291 e segs.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- X Recenseamento Geral da População (Dezembro de 1960), Tomo I, Vol. 2.º.
- J. Leite de Vasconcelos — Etnografia Portuguesa, Vol. IV, Lisboa 1958.
- Mário Lyster Franco — Breve notícia da presença dos Judeus no Algarve, Faro, 1978.
- Amílcar Paulo — A Dispersão dos Sephardim — judeus hispano portugueses, Porto, 1978.
- António José Saraiva — A Inquisição Portuguesa, Lisboa, 1956.
- Dr. Alberto Iria — Os Judeus do Algarve (notas sobre a conferência proferida no Centro Israelita de Lisboa), «Correio do Sul», N.º 2 133, de 25-12-1958.
- Jaime Cortesão — Os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, s/d, Vol. I.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vols. 5, 14 e 23.
- F. V. Lorens — Cabala — Tradição Esotérica do Ocidente, S. Paulo, Brasil, MCMLXXVI.
- Kesaint — Os 13 Pantáculos de Felicidade, Lisboa, 1977.
- Revista de Estudos Hebraicos.
- Cardoso de Bethencourt — Inscriptions hébraïques du Portugal — Notes d'histoire et épigraphie, in «O Archeólogo Português», 1903, Vol. VIII.
- A Mística Judaica Filosófica (Revista) — S. Paulo (Brasil), 1975.
- Joaquim Veríssimo Serrão — História de Portugal, Editorial Verbo, Vol. II, 2.ª edição revista.
- Humberto Carlos Baquero Moreno — O Assalto à Judiaria Grande de Lisboa em Dezembro de 1449, Universidade de Lourenço Marques, 1970.

Fotos «Heliarte» — Lisboa

Composto e impresso
na Tipografia União
F A R O

- Um Farense quasi esquecido — o Padre Lopes —** pela Dr.^a Mariana Amélia Machado Santos
- Ria de Faro,** pelo Eng.^o-Agr. António da Fonseca Leal de Oliveira
- O Algarve e as Capitãneas,** pelo Cap. m. g. Henrique Alexandre da Fonseca
- Ainda e sempre João de Deus,** pelo Dr. Alberto Iria
- Dois Humanistas Algarvios,** pelo Dr. Mário Lyster Franco
- Quem deve substituir os Juizes de Direito?,** pelo Dr. Rocheta Gomes
- Breve notícia da presença dos Judeus no Algarve,** pelo Dr. Mário Lyster Franco
- Alberto Iria,** pelo Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro
- O Algarve na História de Portugal,** pelo Dr. Alberto Iria
- Salazar Moscoso — Um poeta algarvio esquecido —** pelo Dr. Mário Lyster Franco
- Forte de São Lourenço da Barra de Faro,** pelo Eng.^o António da Fonseca Leal de Oliveira
- Dois documentos arqueológicos sobre os judeus no Algarve,** pelo Dr. J. Fernandes Mascarenhas

Separatas do «Correio do Sul»

- Faro no decorrer do século XIX, pelo Dr. Justino de Bivar.
Santa Maria de Harun e as suas lendas de amor, pelo Dr. Justino de Bivar.
Algarve de Sonho e Lenda, por Silva Tavares
A pesca do atum na costa do Algarve, pelo Dr. Mário Lyster Franco
A 183.ª das Cantigas de Santa Maria do Rei Sábio, pelo Dr. Fernandes Lopes
Um Antifonário «Iluminado» do Século XVII, por J. A. Pinheiro e Rosa
Duas moedas visigóticas inéditas, por O. da Veiga Ferreira
Numária de D. João I, por Gonçalo Lyster Franco
Avante e Santiago, por Cândido Guerreiro
Alocução, pelo Dr. Jaime Bento da Silva
Um deão da Sé de Faro a contas com a Inquisição, pelo Dr. António Baião
O Pintor Joaquim Porfírio, pelo Pintor Lyster Franco
Uma curiosa moeda romana ferrada, por O. da Veiga Ferreira
Manuel Teixeira Gomes, pelo Dr. Mário Lyster Franco
O Pintor Constantino Fernandes, pelo Pintor Lyster Franco
A influência bíblica na obra de Cândido Guerreiro, pelo Dr. Clementino de Brito Pinto
Episódios inéditos da Inquisição, pelo Dr. António Baião
João Lúcio e Portugallidade, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Discurso, de Júlio Dantas
Júlio Dantas, pelo Dr. Mário Lyster Franco
As cantigas de Santa Maria do Rei Afonso, pelo Dr. Fernandes Lopes
Um beljo por lembrança, por Cardoso Martha
Alocução em honra de Nossa Senhora, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Breves notas de história da Obstetrícia, pelo Dr. António H. Balté
Nótula para a História de Faro, pelo Eng.º Aboim Sande Lemos
Recordando..., pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
Sagres e o Infante D. Henrique, pelo Dr. José Formosinho
Emiliano da Costa, pelo Dr. Elviro Rocha Gomes
As mais belas Catedrais da Itália, pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
Um inédito de João Baptista da Silva Lopes, pelo Dr. António Baião
Algarve — Fonte de Saúde e de Turismo, pelo Dr. Ascensão Contreiras
Homenagem a José Formosinho, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Alocução em Silves, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Evocação de José Joaquim Nunes, pelo Doutor F. Rebelo Gonçalves
Evocação da «Alma Nova», pelo Dr. José Guerreiro Murta
O Infante, Servidor de Deus, por D. Fr. Francisco Rendelro, O. P.
Castro Marim, Baluarte da Cristandade, por Jacinto José do Nascimento Moura
O Túmulo de São Gonçalo de Lagos, por Antero Nobre
O Poeta Cândido Guerreiro, pelo Dr. José Neves
São Gonçalo de Lagos, por Júlio Dantas
O orgão da Sé de Faro, por L. A. Esteves Pereira
O Algarve, Costa Mundial do Sol, pelo Eng.º Geog.º Dr. José António Madeira
Breve Memória de D. Marcelino Franco, pelo Padre Manuel Bárbara
A Psiquiatria e os seus problemas, pelo Dr. Manuel da Silva
Toponímia Arábica do Algarve, pelo Dr. José Pedro Machado

(Segue no verso)